

## Leitores satisfeitos

É o que mostra uma pesquisa feita com os usuários da Biblioteca Universitária. **P 8**



Foto: Jones Bastos

**Impresso**

99129-5/2002-DR/SC  
UFSC

**CORREIOS**



# Jornal Universitário

Universidade Federal de Santa Catarina - Março de 2008 - N° 388

## Semestre com a marca da transição

Saiba como a UFSC se preparou para receber os calouros e iniciar o ano letivo de 2008- **p. 4 e 5**

Foto: Cláudia Schaun Reis/ Arquivo IPHAN

## Questão de identidade

Em tempos de políticas afirmativas e inclusão social, o *JU* publica reportagem especial sobre a Invernada dos Negros, localizada a 20 km de Campos Novos, onde a UFSC desenvolve pesquisas.

Oficialmente denominada Corredeiras, a comunidade ainda mantém costumes herdados de seus antepassados, escravos que viveram sobre a mesma terra que hoje a abriga. **p 6 e 7.**



Leia também editorial e artigos sobre políticas afirmativas- **p. 2 e 3**

Cobaias no campus- **p. 9**

Mais UTI no Hospital - **p. 9**

Alternativas para o campo - **p. 10**

# Do Editor

## Zumbi!

A resistência em reconhecer erros e corrigi-los é um dos maiores obstáculos à transparência, credibilidade e espírito de prestação de contas do jornalismo" (Mário Magalhães, ombudsman da Folha).

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), valendo-se da autonomia e usando as suas prerrogativas constitucionais, aderiu ao Programa de Ações Afirmativas do Governo Lula. Ao assegurar vagas no vestibular de 2008 para oriundos de escolas públicas (20%) e negros (10%) e o ingresso de cinco indígenas, cutucou com vara curta a elite catarinense que produziu uma enxurrada de ações contra a Administração da UFSC. A reação culminou com a invasão do sistema do Núcleo de Processamento de Dados (NPD), crime que exibiu as notas no *Orkut* e constrangeu os beneficiados pela política de inclusão.

Essa postura hostil deve ser encarada com naturalidade, pois reprise, em maior ou menor gravidade, o que ocorreu em universidades públicas de todas as regiões do País.

O importante é a UFSC - que teve a coragem de assumir as cotas - manter-se coesa e coerente na defesa e implementação das políticas públicas. Independentemente de posições pessoais, Reitoria, Pró-Reitorias, Coperve e comunidade universitária precisam expressar a convicção de que na UFSC as ações afirmativas vieram para valer.

É, em síntese, uma política sem volta, a exemplo da interiorização da universidade. A jurisprudência adquirida Brasil afora dá essa certeza.

Não se trata, como sublinha o reitor da UFSC, de uma questão legal apenas, mas de um "processo de transição".

No futuro, quando a educação alcançar a categoria de investimento, a reserva de vagas será dispensada e todos conquistarão seu espaço naturalmente.

Por enquanto, as ações afirmativas são condição *sine qua non* para avançar, paulatinamente, no processo de justiça social.

Zumbi!

**Comunicando sempre.** A reforma inadiável da sede da Agecom atrasou, mas não impediu a atuação da equipe que continuou comunicando, mantendo o portal, o jornal, o atendimento aos meios de comunicação e às demandas da universidade.



# Caiu na cesta

A comunicação cuida da saúde da instituição

Moacir Loth

**Sem cotas.** As políticas afirmativas deveriam permear todos os níveis de ensino, do pré à pós.

**Faltou convicção.** As políticas afirmativas da UFSC ficaram fragilizadas igualmente pela oposição interna. É difícil, por exemplo, defender cotas sendo contra!

**Diabinhos.** Pesquisa mostra que a indisciplina toma conta do aluno brasileiro. Parece ser uma extensão de casa.

**Sem aborto.** Censo de 2007 informa que SC possui 5.868.014 habitantes, ficando em 11º entre os estados brasileiros. O País soma 183,9 milhões de seres do gênero humano.

**Estado de Direito.** "Os atos ligados ao exercício do direito e de protesto estão assegurados pela Constituição, mas o abuso deve ser repellido. A ação de reintegração de posse é medida natural do Estado de Direito" (Suely Vilela, reitora da USP).

**Vida de artista.** Luiz Henrique: *no balanço do mar* é o nome do documentário lançado recentemente na Capital.

**Em tempo.** Agora falta o Plano Diretor de Florianópolis incorporar o conceito de reserva de biosfera urbana.

**UnB em chamas.** O abuso nos cartões corporativos acabou atirando nas lixeiras o conceito da Universidade de Darci Ribeiro.

**Doentes.** A saúde e o bolso dos professores andam pela bola sete. Num dia de fúria, um deles chegou a desafiar um diretor de plano de saúde para um duelo na Praça XV!

**URP I.** Não poderia ser pior o momento para o corte da URP. O seqüestro vem na hora em que o fim da CPMF inaugura um novo congelamento salarial.

**URP II.** A Administração fez o que pôde dentro dos limites da legalidade. Empurrou até com a barriga, mas a decisão final passou ao largo da autonomia universitária, deixando a Reitoria de mãos atadas.

**URP III.** O corte, felizmente, não é definitivo. Como a esperança nunca morre, a APUFSC ingressou com novos mandados para preservar o *direito adquirido*. Os professores não perderam, ainda, a fé na justiça. Aliás, justo mesmo seria estender o benefício também aos *desurpados*!

**Menos batente.** Com as intervenções nas fundações, os estacionamentos do CTC ficaram mais vazios nos feriados e finais de semana.

**O ovo e a galinha.** As Leis da Inovação Tecnológica, segundo o reitor da UFSC, não resolvem nada se não houver uma remuneração digna para o professorado. Durante a sanção da Lei Catarinense de Inovação, Lucio Botelho defendeu o magistério como carreira de Estado.

**Missão "comprida".** Pane da Central Telefônica não comprometeu as matrículas. É preciso tirar o chapéu para a equipe da UFSC, que trabalhou até no escuro! E, logicamente, pedir desculpas por possíveis transtornos.

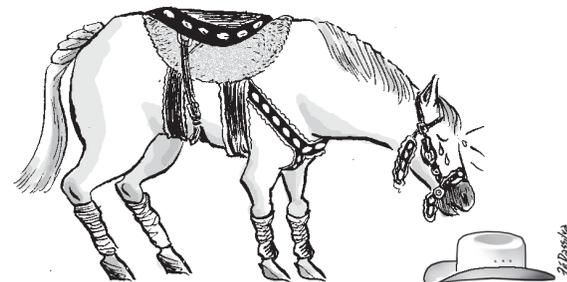
**Poderosa.** A Advocacia Geral da União (AGU) está fazendo 15 anos. Contando com 8 mil advogados públicos e servidores administrativos, a AGU tenta "oferecer segurança administrativa aos atos do Governo". A AGU também está dentro da UFSC.

**Anta.** Os animais que sobrevivem no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro são contemplados por pesquisa financiada pela Fapesc.

**Bem guardada.** Proteção da filha de Lula na Ilha superou os gastos da Universidade com cartões corporativos.

**Ufa!** Finalmente a Anvisa simplificou a importação de materiais para a pesquisa científica e tecnológica. A ciência estava condenada à burocracia!

**Sutileza.** Ex-bolsista da Agecom e formado pela UFSC, o chargista Zé Dassilva registra o adeus ao empresário João Batista Sérgio Murad, o Beto Carrero, mostrando seu cavalo aposentado *Faisca* cheirando o símbolo do caubói.



Originalmente publicada do Diário Catarinense de 02/02/08.

**Reconhecimento.** "UFSC e UFSC colaboram na instalação da Universidade Federal da Fronteira Sul" (Manchete do Jornal da Universidade Federal de Santa Maria - RS). A publicação destaca foto do reitor catarinense.

**Salário pingüim.** A *Folha*, acionada judicialmente por Edir Macedo, ataca: "gasto com servidor cresce 4,5% ao ano". Obviamente os números não conferem, pois o funcionalismo está na Antártida. Além do mais, não se trata de gasto ou despesa; serviço público é investimento!

**Águas profundas.** A transição na UFSC ainda não começou de verdade. Os eleitos, Alvaro Prata e Carlos Alberto Justo da Silva, devem montar a equipe só a partir da confirmação de Brasília. O silêncio começa a dar nos nervos, inclusive de alguns aliados. A posse está prevista para 10 de maio, quando termina oficialmente o mandato da atual reitoria.

**Governo Lula.** "Bom de cama é quem usa camishinha".

**Ficção.** Tarso Genro, ministro da Justiça, considera artificial a crise dos cartões, "pautada pela imprensa e oposição".

**Barba de molho.** Corte no orçamento, incluindo a rejeição de emendas da bancada catarinense, pode afetar a política de interiorização da UFSC.

**Mein Kampf?** A invasão do site da UFSC merece uma punição exemplar. O vazamento das notas do vestibular mirou, obviamente, as ações afirmativas, constangendo pobres, negros e índios. A UFSC abriu sindicância.

## Frase

... a disputa judicial não faz mais do que ocultar o essencial: o racismo no Brasil se mantém sem um acerto de contas histórico, a despeito de qualquer possível manifestação dos tribunais (**Professor Nildo Ouriques, analisando as ações afirmativas da UFSC**)

## Memória

A EdUFSC prossegue, em 2008, com as comemorações do seu jubileu, lançando um livro sobre o novo conto catarinense. Já o Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral está preparando as homenagens relativas ao centenário de Franklin Cascaes, cuja obra completa é a principal atração de seu acervo.



## Expediente

Elaborado pela Agecom -

Agência de Comunicação da UFSC

Campus Universitário - Trindade - Caixa Postal

476

CEP 88040-970, Florianópolis - SC

www.agecom.ufsc.br, agecom@edugraf.ufsc.br

Fones: (48) 3721-9233 e 3721-9323.

Fax: 3721-9684

**Diretor e Editor Responsável:**

Moacir Loth - SC 00397 JP

**Coord. de Divulgação e Marketing:**

Artemio R. de Souza (Coord.)

**Redação**

Arley Reis (Jornalista)

Alita Diana (Jornalista)

Celita Campos (Jornalista)

José A. de Souza (Jornalista)

Mara Paiva (Jornalista)

Margareth Rossi (Jornalista)

Paulo Clóvis Schmitz (Jornalista)

Paulo Fernando Liedtke

Fernanda Rebelo (Bolsista)

Jéssica Limpinski (Bolsista)

Mayara Vieira (Bolsista)

Régis Rodrigues (Bolsista)

Sofia Franco de Araújo (Bolsista)

Talita Fernandes de Jesus (Bolsista)

Thiago Santaella (Bolsista)

**Fotografia:**

Jones J. Bastos

Paulo Noronha

Lívia Allgayer Freitag (Bolsista)

**Arquivo Fotográfico**

Ledair Petry

Tania Regina de Souza

**Editoração e Projeto Gráfico:**

Jorge Luiz Wagner Behr

Cláudia Schaun Reis (Jornalista)

**Divisão de Gestão e Expediente:**

João Pedro Tavares Filho (Coord.)

Beatriz S. Prado (Expediente)

Romilda de Assis (Apoio)

PRÊMIO JOSÉ REIS  
DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA



## Caso vivesse Cruz e Sousa

Em meio aos debates pró e contra o sistema de cotas e a aplicação da história da África na UFSC, aliados ao projeto de mudança do hino de Santa Catarina, lembramos de alguns fatos históricos protagonizados pelos intelectuais negros em Santa Catarina.

No caso do poeta Cruz e Sousa, seu mérito intelectual pouco foi reconhecido neste Estado. O poeta de "Missais" lutou contra a escravidão e o preconceito racial, atraindo em vida a inveja e as intrigas de seus opositores; Ildefonso Juvenal, por sua vez, ao lutar contra o racismo de sua época, ajudou a construir cursos de alfabetização, associações negras, jornais literários e até um centro de letras, devido ao impedimento de se ter negros na Academia Catarinense de Letras; no ano de 1918, no município de Lages, era criado o Centro Cívico e Recreativo Cruz e Sousa; em 1920, em Itajaí, fundou-se o Clube de Regatas Cruz e Sousa; em 1915, em Florianópolis, criou-se a Associação dos Homens de Cor. Em todas estas ações buscou-se um único objetivo: lutar contra as diversas formas do racismo brasileiro. Lá se vão mais de 90 anos de luta!

Ao se polemizar o sistema de cotas para negros nas universidades, devia-se polemizar também a morte de cada jovem negro pela falta de oportunidades, pelos grupos de extermínio, pela fome ou pelo único fato de terem a cor da pele negra. Vamos polemizar a falta de expectativa social. Se o sistema de cotas incomoda, agride-nos muito mais saber que 46% da população brasileira, por serem negros, não participam dos postos de comando deste País. Não nascemos para ser caso de polícia nem tampouco assistir a tudo de panelas à mão.

Perguntar não ofende: os leitores e admiradores de Cruz e Sousa iriam apoiá-lo caso defendesse os interesses da população negra nos dias de hoje?

### Fábio Garcia

Historiador, educador e militante do Movimento Negro



## A compreensão histórica das cotas

Para os que defendem uma competitividade em regime de "igualdade" nos processos seletivos de ingresso ao ensino superior, as políticas de cotas devem ser, energeticamente, combatidas. Tal lógica, todavia, encontra argumentação na idéia de que as cotas "beneficiam" os afrodescendentes, quando deveria, sim, vincular a qualidade da educação básica a todos os brasileiros, tornando todos aptos ao ingresso no ensino superior. Tal desejo foi fomentado pelos signatários do Manifesto Escola-novista, de 1932, que defendiam a "hierarquia das capacidades individuais" num País essencialmente agrário e que não tinha qualquer projeto de inclusão social aos afrodescendentes. Cabe lembrar que a escolarização básica garantida pelo Estado brasileiro tem, praticamente, apenas setenta anos de existência formal (com mais tropeços do que acertos).

Se, ao mesmo tempo, compreendemos que as ações afirmativas ou as políticas de cotas representam uma atenuante (um meio e não um fim em si mesmo, conforme expressão do educador Petrônio Domingues),

devemos atentar ao processo de exclusão, humilhação e expropriação das comunidades afrodescendentes no Brasil ao longo de séculos.

As condições gerais de trabalho e escolaridade desses grupos sociais continuam sendo muito inferiores aos dos brancos, denotando um racismo pela via "fenotípica". Somente no Estado de São Paulo, a expectativa de vida dos negros, em pleno século 21, não chega aos 55 anos, tendo em vista suas precárias condições de existência material. Desse modo, ainda que juízes ou advogados compreendam, precariamente, que as cotas étnicas representem uma excrescência jurídica (já que não é possível determinar, geneticamente, quem é branco e quem é negro), o que está em jogo, fundamentalmente, é um processo histórico de racismo velado e cinicamente desconsiderado por determinada parcela da opinião pública.

Nesta direção, numa sociedade pautada no consumo e na competitividade, fica evidente que os ganhos sociais devem pertencer a um número cada vez mais reduzido de indivíduos. Estão fora de questão as

discussões de fundo histórico, porque o que está em jogo são os interesses privados; os interesses coletivos se tornam uma "abstração"; e a pobreza e a miséria são tratadas como algo alienado de todas as relações sociais existentes.

Concordo e defendo que a educação básica pública deva ser radicalmente qualificada, entretanto, as políticas de cotas também favorecem um debate profundo mal resolvido, repleto de feridas não-suturadas. É quando se põe em tela a situação dos negros neste País que podemos vislumbrar as ações afirmativas, não como um benefício de "mão beijada", mas como uma das várias ações de reconhecimento sócio-histórico-cultural de todas essas comunidades envolvidas. Como nos ensina o filósofo húngaro István Mészáros, o princípio da igualdade na sociedade burguesa é apenas "legalista-formal", destituído de caráter histórico e de mediações dialógicas.

### Jéferson Dantas

Historiador e mestre em Educação pela UFSC

## Defesa das ações afirmativas

A Universidade Federal de Santa Catarina é hoje, dentro do Sistema de Educação Superior do Brasil, uma das instituições mais destacadas. A soma de professores com sólida formação a boas condições de trabalho e principalmente a alunos competentes e bem preparados desemboca em um produto final de excelência.

Ao longo da sua história de 47 anos, a Universidade serviu e serve como elemento propulsor e transformador da nossa sociedade. Podemos destacar como um fato marcante dessa trajetória a enorme ampliação de vagas criadas pela reforma de 1968, que ao colocar fim às cátedras e criar os departamentos – alvo de ferozes críticas conservadoras – gerou uma nova perspectiva para uma grande parcela de jovens da emergente classe média, que pôde a partir de então concluir seus estudos superiores.

Hoje grande parte dos dirigentes políticos e institucionais de Santa Catarina é oriunda desta parcela da sociedade que passou a ter oportunidades em razão de novas políticas de Estado e que, quando escreve ou discursa sobre educação e sociedade, raramente termina sem a frase "...por uma sociedade mais justa e por maior igualdade social...".

Saímos então com a sensação de que democrático é tratar a todos com igualdade, embora democracia defini-

tivamente não seja tratar de forma igual a universos desiguais. O conceito de equidade é aqui fundamental. Não é verdade que somos uma sociedade sem preconceitos, onde basta querer para poder. É hipocrisia imaginar que todos nascem com as mesmas chances na vida – nascem sim com um conjunto de atributos que podem ou não ser desenvolvidos ao longo da vida, até no sentido físico, como a ação da boa alimentação sobre a altura das gerações.

Quanto a preconceitos, poderíamos passar pelo direito ao voto às mulheres, somente a partir da década de 30, pela lógica nazista do arianismo, chegando nos tempos atuais à presença de orientações sexuais diferentes das dominantes etc.

O fato é que as críticas embasadas no elitismo e no enclausuramento, no momento em que a Universidade se abre para algo novo – e que não é necessariamente definitivo –, representam a mesma reação conservadora que tenta dar o tom, baseada única e exclusivamente em cursos de alta demanda social, com maior potencial de alteração da sociedade por ascensão e, portanto, fundamentais para a manutenção de *status quo*.

Temos nesta Administração o orgulho de haver proposto o sistema de cotas, aprovado por unanimidade, no concernente à escola pública, pelo

egrégio Conselho Universitário, e com ampla maioria na questão da cota racial interna. As vagas sociais são parte de uma política de afirmação positiva que começou na gestão do professor Rodolfo Pinto da Luz, na época com 2.300 vagas de vestibular, sendo que hoje chegamos a 4.095 vagas. Esta política passa pela interiorização da Universidade, na forma virtual, para formar professores da rede pública e aumentar a capacidade do aluno de concorrer e cursar com qualidade. E se complementa com a futura implantação dos campi de Araranguá, Curitibanos e Joinville. Menos evidentes, mas de igual importância, são as modificações das provas de vestibular, realizadas em dias coincidentes com as provas de outros estados e com questões mais voltadas à realidade catarinense.

Em nome desta sociedade mais justa que defendemos, não reduzam, por favor, uma política ampla à discussão geral de raça e capacidade na Universidade. Com certeza, aqueles que por força de uma política de Estado ingressarão em uma universidade pública e de qualidade saberão aproveitá-la como fez a minha geração com a ampliação das vagas trazida pela reforma de 1968.

### Prof. Lucio José Botelho

Reitor da UFSC

# Calouros, transição e desafios

A UFSC, que iniciou o semestre com mais três cursos, ampliou serviços e melhorou a infra-estrutura para receber os novos alunos

**Paulo Clóvis Schmitz**  
Jornalista na Agecom

Além de uma agenda com dados atualizados sobre a Universidade e de um cerimonial de recepção, os 2.290 calouros que chegaram aos diversos centros de ensino neste início de ano letivo encontraram uma UFSC renovada em muitos aspectos e, segundo o reitor Lucio José Botelho, "mais aberta à inserção social". Ele se refere à política de ações afirmativas, que pela primeira vez coloca ao lado dos estudantes com perfil conhecido, forjados desde cedo para acessar a Universidade, jovens de outra condição social, egressos de escolas públicas e nem sempre preparados para competir pelas vagas oferecidas pelas instituições federais de ensino superior. Pelo sistema de cotas aprovado no ano passado, 20% das vagas do Vestibular 2008 se destinaram a candidatos oriundos de escolas públicas e 10% a afrodescendentes, além de haver cinco vagas para indígenas.

O reitor também destaca a oferta de 160 novas vagas, por conta da criação dos cursos de Oceanografia, Zootecnia e Artes Cênicas, a abertura da terceira ala e o aumento da cozinha do Restaurante Universitário (RU), a iminente ampliação da Moradia Estudantil e a construção, já a partir des-

te ano, do novo prédio do Básico, que substituirá as casas situadas atrás do edifício do Centro de Comunicação e Expressão (CCE), que são da década de 60. "Este ano teremos o maior orçamento da história da Universidade", destacou Botelho, ressaltando ainda a consolidação da pesquisa e da extensão e a crescente qualidade do conhecimento transmitido pela UFSC. O período será marcado também pela transição para a nova administração, que assume em maio e terá três anos para manter, ampliar ou rever as ações da Reitoria da Universidade.

A agenda que os calouros estão recebendo contém dados sobre a Universidade, as pró-reitorias, os centros e departamentos, os serviços oferecidos pela instituição, a localização de cada curso e dos laboratórios e o funcionamento do Restaurante Universitário, da Moradia Estudantil, da Biblioteca Central, do Centro de Cultura e Eventos, do Hospital Universitário, da Agência de Comunicação, da Ouvidoria, do Escritório de Assuntos Internacionais e de outros setores da UFSC, além de dados sobre estágios, bolsas e cursos extracurriculares.

Está sendo feita também uma divulgação específica das atribuições da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), onde os calouros podem buscar todas as informações de que ne-

cessitarem. Ali, eles podem se cadastrar para a seleção de bolsas de estudos que contemplam alunos desde a primeira fase na Universidade.

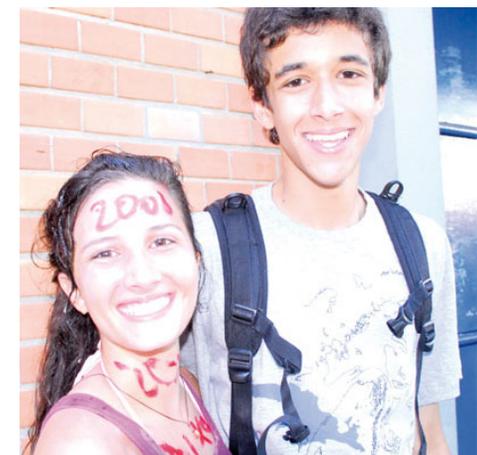
Para 2008, segundo a pró-reitora de Assuntos Estudantis, Corina Martins Espíndola, um dos desafios da UFSC é ampliar o programa de permanência na Universidade, em vista da média elevada de evasão registrada nas universidades brasileiras. "A intenção é criar meios para que o estudante só saia em último caso, e não por falta de condições de continuar", diz ela.

**Trote Solidário** - Em relação aos trotes, desde 2005 a UFSC organiza e apóia o Trote Solidário e tenta coibir as ações agressivas que acadêmicos veteranos ainda praticam, impondo humilhações aos calouros. O apoio se dá por meio dos Centros Acadêmicos, que fazem o acolhimento aos acadêmicos que estão chegando. O PRAE oferece uma premiação aos Centros e estimula que eles realizem ações de caráter social. "Nos últimos anos, graças a esse trabalho, mudou bastante a concepção de acolhimentos dos calouros na Universidade", diz Corina Espíndola. Alguns centros (como o SED, CTC e CSE) já baniram atividades e brincadeiras desagradáveis, que chegavam a criar pânico entre os novos estudantes, embora fossem proibidas.

Fotos: Jones Bastos



A tradicional comemoração com ovos e farinha marcou a divulgação da lista dos aprovados



## Não se perca na Universidade



**Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE)** - Visa à interação do estudante no meio acadêmico, oferecendo programas e bolsas que facilitem a permanência dos alunos na Universidade.

**Departamento de Assuntos Estudantis (DeAE)** - Oferece programas relacionados à apresentação de trabalhos em eventos científicos, viagens de estudos e apoio discente em seminários, encontros e congressos.

**Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PREG)** - Cuida da gestão do ensino de graduação no campo dos assuntos pedagógicos e no acompanhamento da vida acadêmica dos estudantes.

**Serviço Social** - Oferece Bolsa Treinamento, possibilidade de acesso à Moradia Estudantil e cadastro de casas e apartamentos para venda e locação.

**Moradia Estudantil** - Possui mais de 150 vagas gratuitas para alunos que não têm condições de arcar com aluguel.

**Restaurante Universitário (RU)** - Por meio de cartão feito previamente, os estudantes podem fazer suas refeições a preços reduzidos, de segunda a sexta-feira.

**Laboratório de Informática da UFSC (LabUFSC)** - Mais de 230 computadores com acesso à Internet que podem ser usados gratuitamente pelos estudantes, desde que estejam cadastrados. Funciona no andar térreo da Biblioteca Central da UFSC.

**Centro de Cultura e Eventos** - Prédio com auditório para 1.400 pessoas, palco para eventos, lançamentos de livros e apresentações artísticas,

além de restaurantes, lanchonetes, papelaria, livraria, agência bancária (Santander) e serviços de xerox, fotografia e venda de passagens.

**Copa UFSC** - Competição semestral que tem os objetivos de integrar a comunidade universitária e estimular a prática desportiva.

**Serviço de Atendimento Psicológico** - Estudantes formados no curso de Psicologia oferecem atendimento psicoterapêutico e de orientação profissional à comunidade universitária.

**Ouvidoria** - Canal de comunicação entre a instituição e a comunidade interna e externa à Universidade, recebendo críticas, sugestões, denúncias e elogios às atividades da UFSC.

**Hospital Universitário** - Por meio do Serviço de Atendimento à Saúde Comunitária (Sasc), o aluno da UFSC tem acesso à assistência médica gratuita no HU.

**Sistema Integrado de Transporte Coletivo** - Após se cadastrar no Sindicato das Empresas de Transporte Coletivo da Grande Florianópolis ([www.passerapido.com.br](http://www.passerapido.com.br)), o aluno recebe gratuitamente o Cartão Passe Rápido Estudante, que lhe permite o pagamento de meia passagem no uso do transporte coletivo da Capital.

**Diretório Central dos Estudantes (DCE)** - Localizado no 1º andar do Centro de Convivência, é a instância máxima de representação dos alunos. Confecciona as carteirinhas dos estudantes, que dão direito a meio entrada em cinemas e teatros.

**Biblioteca Universitária (BU)** - Coloca mais de 550 mil publicações - livros, revistas e periódicos diversos - à disposição dos estudantes, que po-

dem ler e fazer consultas no local ou local até 10 livros por vez, mediante cadastro de registro de empréstimo.

**Departamento de Assuntos Culturais (DAC)** - Responde por grande parte das atividades culturais oferecidas à comunidade universitária, nas áreas de música, teatro, coral e artes plásticas.

**Agência de Comunicação da UFSC (Agecom)** - Responsável pela comunicação institucional da Universidade, também cuida da identidade visual, do acervo fotográfico, do portal da UFSC na Internet, do Jornal Universitário, da divulgação de ações, atividades e projetos desenvolvidas por todos os centros e departamentos junto aos órgãos de comunicação do Estado e do País.

**Escritório de Assuntos Internacionais (ESAI)** - Responsável pelo intercâmbio da UFSC com o exterior, realiza convênios e acordos com 200 universidades de 40 países, facilitando a realização de cursos de mestrado e doutorado fora do Brasil.

**Cursos extracurriculares** - O Departamento de Letras da UFSC oferece semestralmente cursos de inglês, francês, espanhol, alemão, chinês e italiano, com 60 horas/aula por semestre.

**Estágios e bolsas** - A UFSC tem cerca de 2.000 bolsas e milhares de oportunidades de estágios. As opções são as bolsas de treinamento, de estágio, de monitoria, de extensão e de iniciação científica.

**Mais informações com a pró-reitora de Assuntos Estudantis, Corina Martins Espíndola, pelos fones (48) 3721-9419 e 3721-9625 e pelo e-mail [prae@reitoria.ufsc.br](mailto:prae@reitoria.ufsc.br).**

## Reformas no RU devem melhorar o atendimento

Restaurante Universitário volta a servir refeições a partir de março, com o retorno das atividades letivas. Os estudantes que ingressam este ano na UFSC devem solicitar o cartão de usuário na Secretaria do RU, munidos do atestado de matrícula e documento de identidade

**Mara Paiva**  
Jornalista na Agecom

Com um ambiente renovado devido a recentes reformas, o Restaurante Universitário da UFSC retoma suas atividades com o reinício do ano letivo. Com investimento de cerca de 900 mil reais a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) realizou melhorias na estrutura da cozinha, dos vestiários, no piso do restaurante, e em toda a rede elétrica e hidráulica. Para garantir a segurança dos servidores e a qualidade dos alimentos servidos, as panelas também passaram por um processo de restauração. Este ano a PRAE parte para

uma segunda etapa do projeto: a ampliação do restaurante.

Os recursos para construção de uma nova ala para o RU estão sendo solicitados ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) e ao Plano de Assistência Estudantil. A proposta parte de um planejamento estratégico que leva em conta o aumento de oferta de vagas na UFSC, provenientes dos novos cursos oferecidos, e da adoção do sistema de cotas, fatores que devem aumentar a quantidade de refeições servidas, calculadas em torno de 3.600 refeições diárias no ano de 2007.

O compromisso da PRAE em melhorar o atendimento aos usuários do restaurante também é visível através de outras iniciativas, como a consultoria realizada para dinamizar o fluxo das filas. O trabalho foi desenvolvido pela Empresa Júnior de Engenharia de Trabalho (Ejep), do Curso de Engenharia de Produção e Sistemas da UFSC. Através de um estudo que envolveu filmagens, observação direta,

pesquisa computacional, simulação computacional e entrevistas informais com os servidores, optou-se por uma readequação dos bufês. Um serviço inteligente que aperfeiçoou o processo de trabalho e resultou na redução do tempo gasto em filas.

Os estudantes que ingressam este ano na UFSC e que pretendem fazer suas refeições no Restaurante Universitário devem solicitar o cartão de usuário, bastando, para isso, dirigir-se à Secretaria do RU, munidos do atestado de matrícula e documento de identidade. O almoço é servido de segunda a sexta-feira, das 11h às 13h. O jantar de segunda a sexta-feira e o almoço e janta no final de semana e feriados são servidos no Restaurante Pivattello, localizado no Centro de Convivência.

**Mais informações:**  
**(48) 3721-9203** ou  
**www.ru.ufsc.br**



**Panelas: restauração garante a segurança dos servidores e a qualidade dos alimentos**



**A reforma também contemplou os vestiários**

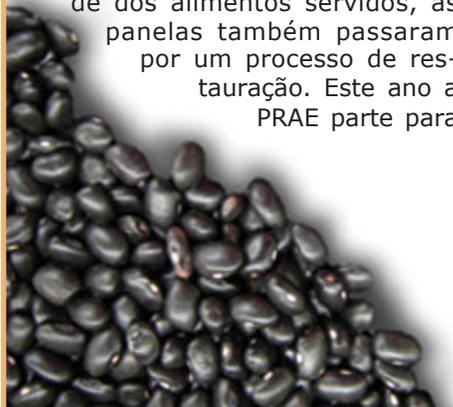


Foto: stockxpert

## Departamento de Administração Escolar: você sabe quais são suas funções?

Matrículas, registros de diplomas, guarda de documentos e transferências. Estas são algumas das atribuições do Departamento de Administração Escolar (DAE), órgão vinculado à Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PREG) que centraliza as funções de administração acadêmica da UFSC

Foto: Jones Bastos



**Daniel Ludwich**  
Especial para o JU

Responsável pela programação, registro e controle das atividades escolares dos cursos de graduação da UFSC, o trabalho do DAE se divide entre a Secretária Administrativa (SEADM) e a Divisão de Programação e Registro de Matrícula (DPRCA). A SEADM, ligada diretamente à Direção, engloba o setor de protocolo e, entre outras coisas, é responsável pelo controle da entrada e saída de documentos. A DPRCA, também ligada diretamente à Direção, subdivide-se em três outros setores: o Serviço de Expedição e Registro de Diplomas (SERD); o Serviço de Documentação (SDOC); e o Serviço de Programação e Registro de Matrículas (SPRM).

É no SERD que são feitos os registros dos cerca de 6.500 diplomas que todos os semestres são concedidos aos alunos formados pelos cursos de graduação da universidade. Além disso, ele também é responsável pelos registros dos diplomas dos cur-

sos de Pós-Graduação da UFSC – especializações, mestrados e doutorados – e pelos registros dos diplomas de outras 50 instituições não universitárias de todo o Estado. O SERD faz ainda os registros de revalidação de diplomas concedidos por universidades estrangeiras.

Pode-se dizer que o DAE guarda no SDOC a história de todos os alunos da UFSC. É lá que são arquivados os documentos relacionados à vida acadêmica dos estudantes. O aluno que precisa de alguns destes documentos pode se dirigir até o SDOC e ter acesso a eles em poucos minutos.

Chegamos, enfim, ao SPRM – serviço responsável pelo registro de matrículas. Realizadas em conjunto com as coordenadorias de curso, as matrículas são realizadas em três etapas. Na primeira, o estudante simplesmente escolhe as disciplinas que pretende cursar no próximo semestre. Durante a primeira semana de aula é realizada a segunda etapa, conhecida como ajuste de matrícula. Nela o estudante pode cancelar disciplinas que não lhe interessam mais, solicitar outras ou ainda pedir novamente a matrícula em disciplinas que não conseguiu na primeira etapa. Nesta segunda etapa são feitos dois processamentos. Se no primeiro o DAE constatar que muitos alunos não conseguiram matrícula em uma determinada disciplina, comunica o departamento, que vai verificar então a possibilidade de um redimensionamento de vagas. Na terceira etapa, que ocorre até o 25º dia letivo, a inclusão da matrícula é feita diretamente pela coordenadoria. Esta terceira etapa

deveria ser definitiva, mas nem sempre é o que acontece.

Muitas vezes, os prazos estabelecidos pelo Calendário Acadêmico não são respeitados e alguns alunos passam a frequentar as aulas sem estarem regularmente matriculados. Isto pode fazer com estes estudantes não recebam os créditos devidos ao final do semestre. "Por isso é importante que os professores anotem os nomes dos alunos que anotem às aulas sem estarem matriculados e também que estes alunos procurem o DAE para regularizar logo a situação", é o que alerta o diretor do DAE, Luiz Carlos Podestá. Segundo ele, na maioria das vezes isto não ocorre e, todos os semestres, milhares de ofícios são encaminhados para resolver problemas que poderiam ter sido facilmente evitados.

Podestá destaca ainda a importância do cumprimento do Calendário Acadêmico para o bom funcionamento do DAE. Para ele, deve haver um esforço conjunto de alunos, professores e servidores, passando pelo próprio DAE e pelas coordenadorias de curso. "Se todos os segmentos seguissem corretamente as determinações do calendário, isso facilitaria em muito o trabalho de todo mundo", analisa. Um maior número de funcionários, de acordo com Podestá, também traria maior agilidade ao Departamento.

**Mais informações: Departamento de Administração Escolar – 3721-9331, 3721 6515, 3721 9391 e 3721 9608.**

**Seguir as datas do Calendário Acadêmico traz mais agilidade ao DAE**

# Tesouros de terras e sementes

Escondidinha no oeste de Santa Catarina, a 20 km de Campos Novos, a comunidade de Invernada dos Negros cresce e ainda vive da agricultura e da criação de animais. Seus moradores, a maioria descendentes de escravos, perpetuam lendas, histórias e costumes que sobrevivem através das mãos de seus filhos e netos, tendo a terra como testemunha



**Cláudia Schaun Reis**  
Jornalista na Agecom

A estrada de barro e pedras é igual em toda a sua extensão. As raras placas não indicam nomes de ruas, mas dos moradores – o mais antigo de toda a família – encontrados no fim de cada uma delas. O segredo para não se perder é seguir sempre as pedrinhas. Pegar um caminho sem elas significa sair da principal. A largura da estrada é suficiente para que um carro passe folgado, mas em vários trechos – principalmente os de curvas – só há mesmo espaço para um veículo.

São dez horas da noite. Paramos o carro na principal, a fim de captar sons noturnos que servirão para o vídeo-documentário. Além de nós, nada. Ou talvez muito. A estrada, o mato, o céu nublado. Uma vastidão que, se o céu estivesse limpo, não conseguiríamos enxergar. O costume da cidade nos faz pensar que talvez não fosse adequado deixar o carro ali no meio da estrada, mas lembramos que seria quase impossível alguém passar por ali àquela hora. Vemos luzes, mas não são de moradores: verdes, bailam entre nós, lumes que vagam.

Penso que estamos em janeiro de 2008, podemos nos comunicar com qualquer pessoa do planeta, em tempo real, através da internet; lembro dos celulares com câmeras, dos tocadores de música digital. Mas ali, na Invernada dos Negros, comunidade situada a 20 km de Campos Novos, cidade do oeste catarinense, as coisas parecem ser iguais há muito tempo.

**Mudanças** - A impressão é só minha. No dia seguinte confirmo mais uma vez que, para a comunidade da Invernada, muita coisa já mudou. É um domingo de festa, e a Associação dos Moradores recebe as famílias para um almoço de galinha, arroz, salada e polenta. Muitos vêm a pé, em caminhadas de 20, 30 minutos, uma hora ou mais; outros trazem os parentes em Fuscas e Chevetes. Nas paredes da Associação, eles vêem a si mesmos: as fotos foram batidas pela equipe de Raquel Mombelli – doutoranda do curso de Pós-graduação em Antropologia Social e pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas (NUER) da UFSC – e escolhidas pela própria comu-

nidade, que apontou aquelas com as quais mais se identificava.

Dentre as conversas, escuto comentários de que agora que a região tem estradas é que alguns deles se perdem. Com a mata tomando conta de tudo era mais fácil chegar aonde se precisava.

Numa das fotos expostas está Seu João. Ele trouxe a família para a festa, e também nos recebeu em sua casa no dia anterior para conversar sobre a vida que leva na Invernada. As histórias de Seu João e de outros moradores farão parte de um vídeo-documentário encomendado pelo NUER e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e que está sendo realizado pela documentarista Cláudia Aguiyre. As fotos foram entregues à comunidade no dia da festa e, junto com o vídeo-documentário, integrarão o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), do IPHAN, a fim de constituir a história dos quilombolas – assim chamadas as comunidades remanescentes de quilombos, como a Invernada dos Negros – de todo o Brasil.

**Casamentos em família** - Seu Vino, hoje com 63 anos, já trabalhou na cidade, e preferiu voltar para a Invernada depois da aposentadoria. "Aqui a gente cuida das galinhas, dos porcos, e lá na cidade não tem nada pra fazer, só gastar", explica, rindo. Valdevino de Souza é neto de Cândido Manuel de Souza, um dos escravos que herdaram as terras da Invernada, através de testamento. "Chegou num ponto que o fazendeiro olhou pra trás e disse que não era bem assim. O trabalho era duro, não tinha moleza. Se tivesse calçado ia, senão, ia sem mesmo. relembra Vino.

Casado desde 1967 com Tereza de Souza, sua prima distante, Vino dá continuação a um hábito da comunidade: a partir dos escravos libertos, a Invernada foi se formando, nascendo e crescendo através das uniões dos filhos e netos dos alforriados. Os moradores da região, então, acabam sendo todos um pouco parentes de todos.

É na casa de Nair, irmã de Tereza, que pousamos. No dia anterior à festa, Tereza, Nair e Jandira ficam até tarde da noite preparando as galinhas e a polenta. Depois de todo o trabalho, Tereza se senta à mesa, come com as duas irmãs e o marido e

nos desafia para uma partida de canastra. "Quando jogamos truco chegamos a subir na mesa", conta com um ar de quem sabe todas as manhas do jogo. Não por acaso, nossa equipe perde as três rodadas.

Tereza tem dois filhos, um deles adotado. "Fazia três anos que estava casada e ainda não tinha engravidado. Soube de um menino recém-nascido que seria jogado no rio porque a mãe não o queria, então peguei. Oito meses depois engravidei". O casamento com Vino foi realizado na cidade, "mas na Igreja foi aqui. A gente marcava com o padre durante a semana, depois da missa, para realizar a cerimônia no final da semana".

**Políticas públicas** - Enquanto joga, Nair me explica como funciona a Arca das Letras: em sua casa há uma pequena estante com todo tipo de livros: infantis, romances, didáticos. "O responsável pela educação em cada comunidade deve solicitar a Eletrosul uma arca. Depois de retirada, ela fica na casa do responsável – que aqui na Invernada sou eu – e as pessoas vêm até aqui emprestá-los". Nair também tem aproveitado bastante o novo móvel da sala. "Tem vezes que fico até de madrugada lendo. Eu não sabia o que significava o termo 'políticas públicas', então descobri um livro que falava a respeito. Agora entendo o que o pessoal da Associação de Moradores conversa".

Na manhã seguinte à jogatina as mulheres acordam cedo. Sempre há muito trabalho a fazer. Além de Jandira, que vive na cidade, Tereza e Vino dormiram na casa de Nair, apesar de morarem ali pertinho, no terreno que vai se estendendo e se dividindo entre os irmãos e parentes. Antes de sair para casa alimentar a criação e colher verduras para a salada, ouço Tereza comentar com Nair sobre a partilha de legumes. "Perguntaram quem queria levar pepino. Eu não trouxe porque em casa tenho, graças a Deus. Se trouxesse, depois alguém que não tem poderia ficar sem".

**Ensinar e alimentar** - A divisão dos alimentos se dá na Horta Comunitária dos Remanescentes dos Quilombos: o projeto da Caixa Econômica Federal e da Epagri estimula a comunidade a conhecer e adotar a agricultura orgânica. Ao chegar na horta somos recebidos por Antônio de Souza. Um aperto de mão e ele se apresenta: "eu sou conhecido pelo apelido de Nico".

A horta funciona através do sistema de permacultura, que, dentre outros fatores, respeita o tempo certo para cada plantação se desenvolver, analisa quais culturas podem ser plantadas juntas, além de ser mais sustentável, mais permanente – daí o nome – para a comunidade e o planeta. "Nós semamos, plantamos, colhemos e distribuímos no sábado. As pessoas pagam um real por mês para a conta de luz e a compra de alguma ferramenta", explica Nico.

O objetivo principal, porém, não é a obtenção de alimentos. "Um agrônomo vem de tempos em tempos nos ensinar. Como é que planta, como é que colhe, como é que luta? Antes de comer, viemos aqui para aprender". A variedade é grande: alface, couve, salsinha, cenoura: "orgânico é mais fácil de plantar. O veneno é tóxico, a terra nem aceita... Estão vendo como é que está? Uma maravilha!", completa.

A Invernada se beneficia do trabalho de todos. O comércio existe, mas as relações em que ele se sustenta são outras. Frequente é o Mercado de Trocas: durante uma manhã do fim de semana as mulheres, em sua maioria, se reúnem para compartilhar daquilo que é produzido em suas casas. Feijão, ovos, legumes, compotas e por vezes roupas e outros objetos são trocados entre elas. Depois das trocas, o que sobra é vendido.

## Entre pantos e benzeduras

Dona Maria Santa de Souza, aos 66 anos, também já trocou muito de seu trabalho. Várias gerações na Invernada nasceram por suas mãos. "Quantas crianças? Ih, tenho que fazer uma lista. Mas todas que eu ajudei a nascer nunca tiveram cólica". Sua bisavó era Damásia, uma das escravas que herdou as terras. "Ela era uma nega véia muito disposta e brava. Tinha o pescoço grosso". Miudinha e com um olhar muito meigo, dona Santa também é requisitada para auxiliar em diversos tipos de problemas. "Benzedura? Eu? De tudo! Nunca morreu uma criação de picada de cobra! E cada benzedura é diferente. Se eu fizer pra você vai ser diferente da que eu fizer pra ela. Duvido que vai ter palavra igual em cada uma".

Invernada dos Negros tem suas visões, ou melhor, visagens, como eles mesmos chamam. Tesouros escondidos embaixo da terra? Vários são os relatos sobre espíritos rondando a região, que indicariam lugares onde se poderia encontrar um pote com ouro. Dona Santa lembra que um tempo atrás viu "um cão com os peitos amarelos dobrar atrás de uma árvore e sumir. Nunca encontrei um pote com ouro, mas se algum dia achar, eu vou dividir".

Talvez o tesouro seja mesmo aquele chão, macerado diariamente pelas pisadas de ho-



**Dona Santa: "se achar o pote de ouro vou dividir"**

mens e mulheres às voltas com a criação, revolvido pelas mãos escuras em busca do aconchego para mais algumas sementes. O ouro da Invernada dos Negros é o passado, o presente e, quem sabe, o futuro plantado e germinado pelos remanescentes do quilombo da Invernada dos Negros.

*Continua*

## Terra de filhos, netos, nora e pai-velho

João Francisco Garipuna recebe a equipe que vai registrar sua história e ruma sem pressa para dentro de casa para trocar de roupa. Volta trajando camisa, calça e botas de borracha cortadas pela canela – que, descobrimos depois, é o melhor calçado para se usar na Invernada, principalmente nos dias chuvosos. Seu João trabalha com a terra desde menino. A casa onde mora foi construída no local onde seus bisavós já viviam. Teve dois filhos e os oito netos que moram no mesmo terreno, em casas próximas, trabalham na roça para dar de comer aos seus pequenos. “Sou pai e pai-velho”, explica, contando que criou os netos desde quando o pai deles lhes faltou. Todos eles plantam feijão e milho (os dois dão na mesma época, então precisam escolher um ou outro para plantar por vez), mandioca, batata-doce e “aveia para dar de comer à criação”. Seu João é da época do Puxeião. “A gente trabalhava a semana inteira de graça no terreno dos outros para nada. Por um prato de comida e um copo de cachaca”, relembra soltando uma risada curta.

**João Maria previu** - Aos 78 anos, ele diz que “guardou poucas coisas na idéia” sobre a visita de João Maria à região. Conhecido como um dos três monges da Guerra do Contestado, na segunda década do século XX, João Maria permanece na memória da comunidade da Invernada. “Meu bisavô o conheceu. João Maria dizia que ia chegar um tempo em que os pobres iam sofrer barbaridade, mas que depois tudo ia passar. A religião ia diminuir e a criação também, e os campos virariam mato e os matos virariam campo”.

Dona Roseli Garipuna, nora de seu João, só observa a movimentação toda em volta de sua casa. No outro dia é convidada a falar para a câmera sobre o poço de água do terreno. “Esse aqui é conhecido como o Poço do João Maria, porque ele passou por aqui e o poço ficou. Seu João diz que fosse onde ele pousava, se não tivesse água, acabava surgindo”. Ela conta que até hoje há pessoas que pedem um pouco da água para batizar suas crianças. Depois de falar do poço ela responde também às perguntas feitas ao longo do dia anterior. “Faz 27 anos que vivo aqui”. Dona Roseli enviuvou com 30 e, aos 42, também cuida da criação, da casa e ajuda a criar os seis netos.

**Cidade ou campo?** – Giovani Garipuna é filho de dona Roseli, completou 18 anos e não pretende trabalhar na cidade. “Se não tiver vontade de fazer algo num pedaço de chão tem que ir pra cidade se virar, trabalhar de empregado, e o emprego é pouco. Quero ficar aqui. Se eu sair vou ter que pagar aluguel, começar tudo de novo. O jeito é tentar ficar, ver se de repente melhora”. Ele estudou até a 4ª série e depois parou porque a comunidade não possui escolas de ensino médio. Sério, sorri quando fala do que gosta de fazer para se divertir. “Nós vamos para o barzinho jogar caixeta, sinuca, mas eu gosto mesmo é de futebol. A gente tinha um time, mas agora acabou”. Quando Raquel conta que o time vai ser reorganizado, ele abre ainda mais o sorriso. “Que beleza! Vão fazer de novo!”. Ainda que a dúvida sobre ir para a cidade o assalte de vez em quando, Giovani sabe onde quer ficar. “O mais legal é a convivência com as pessoas, as plantas e os animais. A gente nasceu e se criou junto, é o que a gente gosta de fazer”.



**Seu Vito trabalhou a vida toda na cidade e depois da aposentadoria preferiu voltar à Invernada**

**Para Nico o aprendizado é mais importante do que levar o que planta para casa**



Fotos: Cláudia Reis/Arquivo IPHAN

## ...e assim ficou escrito

O testamento de Matheus José de Souza e Oliveira data de 1877, e deixa registrado o desejo de passar suas terras aos escravos. “*Este é o meu testamento e ultima vontade; (...) Declaro que achando-me doente na Cama de molestia que Deus me deu, porem achando-me em meu perfeito juizo e entendimento rezolvi á dispor de minha ultima vontade pela firma seguinte. Declaro que dei liberdade há tempo aos Escravos de nomes Margarida, Damazia, e Joaquim (...). Deixo por meu fallecimento não só aos escravos a quem já dei liberdade como aos que ainda se acham Captivos por meu fallecimento, e que ficarão livres pelo ultimo daquelle de nós que fallecer, a minha terça a qual lhes será dada em Campos e terras lavradas dentro da Envernada e na linha que divide com meu Irmão João Antunes de Souza. Declaro que desses terrenos elles nunca por si nem por seus descendentes poderão a vender, hypothecar, e nem alhear por forma alguma, nem mesmo será sujeito a Inventario, por morte de qualquer delles, visto Como elles e seus descendentes são apenas uzufructuarios, e assim irá passando de pais e filhos por morte daquelles que forem fallecendo.(...)*”

Depois dos anos 1970 a região da Invernada passou oficialmente a se chamar Corredeira, mas seus moradores não costumam utilizar esse nome. Desde 2005 as terras da Invernada estão em processo de regularização fundiária, através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA/SC).



**Seu João: vida dedicada ao cultivo da terra e à criação dos netos**

# A Biblioteca nossa de cada dia

Pesquisa de satisfação do usuário orienta a Biblioteca Universitária no aprimoramento e desenvolvimento de seus serviços

**Rodrigo Tonetti**  
Especial para o *JU*

Os serviços prestados pela Biblioteca Universitária da UFSC (*BU*) serão aprimorados graças a um estudo desenvolvido pela estudante Augiza Boso, da 7ª fase de Biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). O estudo concluiu que, para os alunos da graduação, os serviços de atendimento e empréstimo (*Sistema Pergamo*) são os que apresentam maior índice de aprovação, enquanto o acervo e os equipamentos disponíveis para pesquisa são responsáveis pelas principais queixas.

A maior parte dos entrevistados pertence à graduação (505), mas também responderam ao questionário alunos da pós-graduação (56), usuários externos (30), funcionários (19) e professores (5). Os dados mostram que a comunidade externa está mais satisfeita com os serviços da BU do que a interna: 40% dos que não possuem vínculo direto com a UFSC consideram o acervo muito bom; 26,67%, bom; 30%, regular; e 3,33%, ruim. Na graduação, 12,07% dos entrevistados o avaliam como muito bom; 33,87%, como bom; 41,59%, regular; e 12,47%, ruim.

Para Narcisa de Fátima Amboni, diretora da Divisão de Assistência ao Usuário (DAU), essa diferença ocorre porque o acervo da *BU* é diversificado, o que pode ser comprovado a partir do intercâmbio de livros feito com outras universidades através do programa de empréstimo en-

tre bibliotecas. "A nossa biblioteca é a melhor de Santa Catarina e uma das melhores do Brasil. Estudantes de todas as outras universidades frequentam a BU nos finais de semana."

Mariana Maioral, estudante da 5ª fase de Farmácia, considera o acervo bom em quantidade, mas tem dificuldade para encontrar livros mais recentes. "O problema maior é com matérias que são constantemente atualizadas, como Genética. Quando os professores indicam os títulos que serão usados no semestre, há uma corrida à BU porque existem poucas edições novas. A maioria dos alunos acaba pegando xerox."

Felipe Weber, estudante da 4ª fase de Engenharia de Aquicultura, diz que utiliza mais a biblioteca setorial porque também não encontra os livros de que precisa na *BU*. "Muitos dos livros mais utilizados em aula são de tarja vermelha e só podem ser retirados nos finais de semana, o que dificulta o estudo", diz.

Sigrid Karin Weiss Dutra, diretora da BU, destaca o compromisso com a renovação do acervo. "Em 2006, tivemos 160 mil reais para a aquisição de novos títulos. Nossa meta era de dois mil livros, mas conseguimos comprar cerca de 2.700." Essa superação da meta se deve, em grande parte, à compra através de pregão eletrônico, que otimizou o uso dos recursos em 30%. Para este ano estão previstos 190 mil reais para renovação do acervo.

Fotos: Jones Bastos e James Tavares



A Biblioteca Central também é visitada por alunos de outras universidades e escolas nos fins de semana

**Extravio ainda é comum** - Segundo Sigrid, outro problema enfrentado é o extravio das obras. "Algumas têm as páginas arrancadas ou são roubadas. Registramos uma perda de 10% dos livros - média também observada na maioria das bibliotecas universitárias."

O quesito que teve os menores índices de aprovação para os usuários externos foi equipamentos disponíveis para pesquisa: 30% os consideram muito bons; 40%, bons; 20%, regulares; 10%, ruins. Os equipamentos também foram uma das principais queixas dos alunos da graduação: 5,14% os apontam como muito bons; 36,63%, bons; 43,97%, regulares; 13,27%, ruins; e menos de 1% não respondeu. "Quando preciso de um livro na BU, pesquiso a referência em casa porque geralmente há muita fila para utilizar os computadores disponíveis", diz Felipe. Segundo Narcisa, a queixa já foi encaminhada à administração central da UFSC junto com solicitação de compra de novos computadores.

Os melhores resultados são os relativos à qualidade de atendimento: 21,58% dos usuários da graduação o avaliaram como muito bom; 62,57%, bom, 14,46%, regular, 0,79% ruim; e 0,60% não respondeu. Para os usuários externos os índices ficam em 36,67% muito bom; 56,66% bom; e 6,67% regular. Nenhum usuário externo considerou o atendimento ruim. "Trabalhamos bastante para melhorar todos os indicadores de qualidade de atendimento

- cortesia, pontualidade e organização dos livros -, além de promover uma educação continuada para a equipe dos servidores", diz Narcisa.

**Estudo já era planejado** - Há anos a BU desejava fazer um estudo de satisfação do usuário. Com a reestruturação do Planejamento Estratégico e com a disponibilidade de Augiza, foi possível realizar o projeto este ano. A estudante da Udesc é estagiária da BU e desenvolveu a pesquisa para a disciplina Estágio Curricular II, com orientação da professora Maria Emília Ganzarolli. Algumas das sugestões feitas pelos usuários, como aquisição de mais mesas para estudo, maior higienização dos banheiros e intensificação de leitura das estantes - feita para colocar os livros retirados novamente em ordem -, já estão sendo implementadas.

O estudo aponta ainda que 58,21% dos entrevistados da graduação frequentam a biblioteca sempre; 35,44%, às vezes; e 6,35%, raramente. Para Narcisa, esses números demonstram a importância do espaço no desenvolvimento das atividades universitárias. "É um ambiente de crescimento, aprendizagem e interação. Disponibilizamos a informação, transformada em conhecimento pelos usuários. Por isso nos preocupamos em identificar os pontos fracos da BU a fim de eliminá-los, e também analisar os pontos fortes, para aproveitar melhor nossas oportunidades."



Os melhores resultados da pesquisa foram verificados no item "qualidade de atendimento": mais de 36% dos usuários externos votaram "muito bom"



Reclamação: não é nada fácil encontrar os títulos mais recentes e os livros exigidos em sala de aula

# População ganha nova UTI

Inauguração da nova Unidade de Tratamento Intensivo do HU amplia de sete para 20 os leitos, mas ainda carece de profissionais para funcionar plenamente

**Paulo Fernando Liedtke**  
Agecom

O Hospital Universitário ganhou, no final de fevereiro, uma nova Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). Com a obra, a capacidade de atendimento passa de sete para 20 leitos, consolidando o HU como uma das principais referências para a saúde pública no Estado, pois o Hospital passa a operar com uma UTI modelo, concebida dentro dos modernos padrões de atendimento hospitalar recomendados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

Foram investidos R\$ 2,6 milhões no projeto estrutural e na compra de equipamentos, através de recursos do Fundo Nacional de Saúde. A obra, com quase mil metros quadrados, levou dois anos para ser finalizada, com projeto arquitetônico de Antonio Carlos Silva, do Escritório Técnico da UFSC.

A nova UTI funciona no 4º andar do Hospital Universitário, numa área que foi construída para esta finalidade. Segundo a direção do Hospital, o próximo desafio será a contratação de profissionais de saúde para a UTI funcionar plenamente. Isso ainda depende da autorização para a abertura de concursos públicos através do Governo Federal. Na antiga UTI futuramente funcionará um Centro de Endoscopia.

O diretor da UTI, Fernando Machado, salienta que as novas instalações podem ampliar a média de 350 pacientes internados anualmente na unidade. Isto dependerá da contratação de cem profissionais de saúde para suprir o pleno funcionamento. Inicialmente a nova UTI vai funcionar com dez leitos.

A Associação dos Amigos do HU

entregou para a senadora Ideli Salvati, que esteve presente na solenidade, um dossiê com as principais necessidades do Hospital. Para o diretor Carlos Alberto Justo da Silva (Paraná), será um crime não ativar todos os leitos. Ele considera a obra essencial para qualquer hospital, pois a recomendação das organizações de saúde é manter 10% dos leitos para a UTI.

Ideli Salvati tem plena convicção da importância do HU, considerando o hospital a principal referência de saúde em Santa Catarina, "pois conta com grande reconhecimento da população". A senadora lamentou o fim da CPMF, que segundo ela retirou recursos federais investidos na área de saúde.

O HU possui atualmente 300 leitos. Paraná citou uma pesquisa realizada com usuários que apontam um índice de satisfação de 88%. Para o diretor, "isto demonstra que é viável a saúde no setor público".

Representando a Secretaria Estadual de Saúde, Roberto Hass salientou que em Santa Catarina o governo tem dificuldades para operar com terapia intensiva. Acrescentou que "o HU em si é um grande parceiro, atendendo pacientes independente da sua origem domiciliar".

Para o reitor Lucio Botelho, o HU ainda não está pronto, pois faltam outras obras essenciais, como a unidade de queimados. Ele insistiu na necessidade de valorização, por parte do Governo Federal, dos hospitais universitários. "Educação e saúde são funções de Estado", enfatizou. O reitor creditou os méritos na viabilização dos recursos para a UTI aos ex-deputados Mauro Passos e Edison Andrino, que juntamente com a senadora garantiram as verbas da União.



**Carlos Alberto Justo da Silva (esq), diretor do HU, comemorou o índice de satisfação dos usuários**

Fotos: Jones Bastos

**Novas instalações ampliarão média anual de internação**



# Lei para bichos e homens

Decreto assinado pelo prefeito de Florianópolis que estabelece regras para o uso de animais em experiências científicas atende tanto a pesquisadores quanto a ambientalistas

**Paulo Clóvis Schmitz**  
Jornalista na Agecom

Principal interessada no assunto em Santa Catarina, a UFSC teve participação ativa na definição da legislação que rege o uso de animais em pesquisas científicas na Capital. No dia 11 de fevereiro, o prefeito Dário Berger assinou o decreto de regulamentação da lei que trata do tema e que, entre outros aspectos, limita a utilização de animais a procedimentos comprovadamente indispensáveis, além de criar o Conselho Municipal de Controle de Experimentação Animal, que vai acompanhar e fiscalizar a aplicação do dispositivo legal. Com a chamada Lei das Cobiaias, Florianópolis se tornou a primeira cidade do País a regulamentar a questão, que divide opiniões e é tema de um projeto de lei federal (nº 1.153/95) até hoje não aprovado no Congresso Nacional.

A Universidade Federal de Santa Catarina foi uma das instituições que participaram dos encontros que precederam a definição e divulgação do texto legal, ao lado da Secretaria Municipal de Saúde e de entidades protetoras dos animais. A lei em vigor põe fim a uma situação que prejudicava as pesquisas na UFSC, porque no final de 2007 a Prefeitura da Capital perdeu o prazo regimental para se manifestar sobre um projeto de lei aprovado pela Câmara de Vereadores que proibia a prática em qualquer circunstância.

De autoria do vereador Deglaber Goulart, o projeto original foi promulgado à revelia do Executivo, que não se pronunciou sobre o assunto dentro dos 15 dias estabelecidos. No dia 11 de dezembro, foi publicada no *Diário Oficial* a lei 7.486/2007, que vetava o uso, no município de Florianópolis, de animais vivos em práticas experimentais que provocassem sofrimento físico e psicológico, para fins pedagógicos, científicos e comerciais. As instituições que não cumprissem a lei pagariam uma multa diária de R\$ 2 mil por animal utilizado e corriam o risco de ter cassados os alvarás de funcionamento em caso de reincidência.

A partir daí, pesquisadores entraram no circuito e conseguiram que o Executivo municipal garantisse, por meio de uma lei mais flexível, o uso de cobaias para o desenvolvimento de remédios e vacinas. Com base em itens do projeto de lei nº 1.153, também conhecido como Lei Arouca e que ainda não foi votado em Brasília, professores da UFSC, ambientalistas e legisladores do município chegaram a um consenso sobre o tema. O novo texto estabelece que a utilização de cobaias em pesquisas científicas só será realizada após a aprovação de uma Comissão de Ética no Uso de Animais, que as universidades públicas e privadas deverão criar e que terá a presença de um médico veterinário, um biólogo, pesquisadores e representantes dos estudantes, de entidades de proteção animal, da Secretaria Municipal da Saúde e do

Conselho Regional de Medicina Veterinária.

A lei em vigor desde 11 de fevereiro determina o veto a quaisquer procedimentos que impliquem em sofrimento físico ou psicológico exagerado e obriga que durante o experimento os animais devem ser anestesiados. Haverá sempre a supervisão de um médico veterinário e mesmo as pesquisas com fim comercial ou industrial devem ter como responsável um profissional ligado à comunidade acadêmica.

Universidade tem tradição de respeito aos animais - De sua parte, a UFSC sempre contou com uma comissão responsável pelas decisões nesta área. Ela é a única instituição que realiza pesquisas com cobaias, mantendo um biotério que produz cerca de 20 mil ratos e 30 mil camundongos por ano para viabilizar as experiências de 300 graduandos e pós-graduandos nos centros de Ciências da Saúde, Agrárias, Biológicas e Humanas.

Em entrevista ao jornal *Diário Catarinense*, o presidente da Comissão de Ética no Uso de Animais da UFSC, Carlos Rogério Tonussi, afirmou: "Conseguimos reverter o propósito inicial que proibia o uso das cobaias e garantimos que a pesquisa e o ensino não sejam mais prejudicados". Professor do Departamento de Farmacologia, Tonussi disse que a discussão criada em torno do assunto reforça a necessidade de criar uma legislação federal que regule o uso de animais em experiências científicas e não comprometa importantes pesquisas que as universidades vêm realizando no Brasil.

Um argumento em defesa desse tipo de procedimento é a busca de tratamentos para doenças degenerativas, como é o caso, na UFSC, da artrite reumatóide. "Estamos buscando alvos para o controle farmacêutico e estudando efeitos de substâncias naturais tiradas da flora de Santa Catarina", informou o professor Tonussi ao jornal *Notícias do Dia*, destacando que daqui a alguns anos poderá ser utilizado um produto genuinamente nacional fabricado no Estado para o tratamento desse mal.

Também o presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (Fapesc), Antônio Diomário de Queiroz, posicionou-se a favor da solução encontrada: "A formulação inicial da lei misturava tudo. Agora, o entendimento entre a classe científica e os poderes públicos respeita a atividade de pesquisa e ao mesmo tempo estabelece um controle social e de eventuais abusos".

Ex-reitor da UFSC, Diomário também ressaltou ao *DC* que a Universidade já tinha uma comissão de ética que acompanhava o processo de uso de animais. "Quem conhece de perto os trabalhos dos professores da UFSC na área da saúde sabe da tradição da comunidade científica de respeito aos animais que são objetos de pesquisa", afirmou ele. "A lei observa esta condição e confirma o interesse social de cuidar também da vida animal".



# UFSC aprova projeto em edital de apoio à agricultura familiar

O desafio será assumido por uma equipe interdisciplinar de estudantes e professores do Centro de Ciências Agrárias

## Arley Reis

Jornalista da Agecom

Com os recursos a universidade desenvolverá ações direcionadas a melhorias da produção leiteira, ao uso de sementes locais (milho e trigo), à conservação e manejo integrado dos recursos da propriedade e à fixação do jovem na atividade agrícola. A produção de leite é o carro-chefe do projeto, pois representa a base da agricultura familiar no Oeste de Santa Catarina - 95% dos estabelecimentos agrícolas são mantidos com essa atividade.

**Desafio** - De acordo com o coordenador do projeto, o professor Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho, do Centro de Ciências Agrárias, a meta é colaborar com a melhoria da situação socioeconômica de agricultores de oito municípios catarinenses. Para isso a equipe envolvida vai repassar aos produtores tecnologias economicamente viáveis, possibilitando maior autonomia com relação à administração, manejo da propriedade e tratamento dos animais. O professor ressalta que a agricultura familiar é carente de alternativas tecnológicas sustentáveis, que associem produtividade, economicidade e proteção ambiental. Na atividade leiteira, um número crescente de produtores desiste devido aos elevados custos de produção e à dependência ao modelo tecnológico convencional.

**Agricultura familiar é reforçada com os trabalhos** - "É a indispo-



**Família Trevisol: agricultores têm hábito de receber de forma atenciosa**

nibilidade de tecnologias alternativas aos modelos convencionais, que são de baixa produtividade ou dependentes de insumos industriais e capital intensivos, que em muitas situações leva os agricultores ao endividamento e o ambiente à degradação, culminando com o abandono da área rural", avalia Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho. Segundo ele, a reversão deste quadro é m imperativo ético, político, econômico e antropológico - e o projeto pretende dar sua contribuição a este desafio. Por este motivo, será desenvolvido por uma equipe interdisciplinar de professores e estudantes do Centro de Ciências Agrárias.

**Avanços** - Segundo o coordenador, o estudo é continuidade de um trabalho que o Núcleo de Pastoreio Racional Voisin, do Departamento de Zootecnia e Desenvolvimento Rural do CCA, já vinha realizando no Oeste de

Santa Catarina. O grupo atua em pesquisa e extensão com o objetivo de auxiliar a implantação de projetos de produção animal agroecológica em pequenas propriedades familiares.

O trabalho iniciou em 1992, sob a liderança do professor Mário Vincenzi, e tem mudado a face da bovinocultura de leite do Estado. Devido a estas ações, atualmente é comum ver no Oeste pastagens cultivadas subdivididas. "Os dois conceitos fundamentais de manejo de pastagens desenvolvidos por nosso Departamento - melhoramento do campo nativo e/ou naturalizado e a divisão de área - já faz parte da cultura do agricultor familiar da região", explica o professor Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho.

Os conceitos estão na base do sistema de Pastoreio Voisin, que propõe a divisão da área de pastagens através de piquetes. Uma vez por dia os ani-

mais saem de uma parcela pastoreada e são conduzidos para uma nova, de pasto fresco. O tempo de repouso concedido aos piquetes proporciona às plantas condições para que possam crescer, sem interrupções ou agressões, até que atinjam um novo ponto de corte. Os animais, por sua vez, consomem uma quantidade maior de um pasto com melhor qualidade.

Pinheiro Machado Filho lembra que em 1990 Santa Catarina produzia 740 mil toneladas de leite por ano, das quais 370 (50%) vinham da região Oeste. Em 2004, 1.487 mil toneladas de leite eram produzidas anualmente, e a região Oeste contribuía com 1.047 mil t (70%). Na avaliação do professor, a tendência atual, pelo deslocamento que a cultura da cana deverá fazer de produtores de leite das regiões Sudeste e Centro-Oeste do país, é de que muitos laticínios migrem para o Oeste da região Sul Brasileira, aumentando ainda mais a atividade leiteira na região Oeste de Santa Catarina.

"A preocupação central do projeto submetido e aprovado pelo CNPq/MDA é justamente que esse aumento da atividade leiteira e sua produtividade não aconteçam de maneira desordenada ou com degradação ambiental.", destaca o coordenador. O nome do projeto demonstra essa preocupação: "Desenvolvimento Sustentado do Oeste de SC através do Método Participativo e do Planejamento e Uso Integrado da Unidade de Produção Familiar".

**Mais informações com o professor Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho, 3721 5349 ou 9973 4930.**

## Banheiro seco com cursos gratuitos de formação de mão-de-obra

O banheiro da UFSC será construído no bairro Córrego Grande, e evita o emprego de redes de esgoto, pois os dejetos são tratados no local e utilizados como adubo

A UFSC vai associar a construção de um banheiro seco com a realização de cursos de capacitação de mão-de-obra. O projeto concilia objetivos como melhorar as condições de vida da população carente, o ensino, a pesquisa e a extensão de tecnologias relacionadas à construção sustentável. O banheiro seco substitui a descarga de água por matéria orgânica seca (como serragem e aparas de grama) e transforma os dejetos humanos em adubo orgânico.

Os cursos serão ministrados pelo professor Wilson Jesus da Cunha Silveira, chefe do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC, e por

diversos cursos da UFSC e vai preparar os participantes para que ministrem, sob orientação do coordenador do projeto, as demais capacitações. As inscrições já estão abertas e para participar é preciso preencher a ficha cadastral disponível no site do grupo [www.banheirosecoufsc.blogspot.com](http://www.banheirosecoufsc.blogspot.com)

Para construção do banheiro seco serão oferecidos outros cinco cursos gratuitos, de cinco semanas, com quatro horas por dia e 20 vagas cada: para carpinteiro de formas (01/04); concreto pré-moldado e argamassa armada (08/05); paredes monolíticas de solo estabilizado (16/06); tijolos de solo estabilizado: fabricação e assentamento (12/08); de acabamentos (esquadrias, revestimentos, pavimentações, pintura e aparelhos) (15/09), e término (17/10).

As formações são preferencialmente direcionadas a pessoas que estão fora do mercado de trabalho e a interessados em aprender técnicas alternativas de construção. As inscrições serão feitas pelo site [www.banheirosecoufsc.blogspot.com](http://www.banheirosecoufsc.blogspot.com) e nos centros comunitários, onde os integrantes do

projeto estarão fazendo a divulgação.

A iniciativa é um projeto interdisciplinar aprovado pelo Departamento de Apoio à Extensão da UFSC e pelo CNPQ. Vai permitir a implantação na UFSC de uma alternativa experimentada em todo o mundo e que todo o processo de construção e monitoramento do banheiro seco seja documentado. A acadêmica Bárbara Samartini Queiroz Alves, estudante de Ciências Biológicas, integrante do projeto com uma bolsa de iniciação científica, direciona seu trabalho de conclusão de curso a esta área e já pensa em um mestrado como continuidade.

O grupo espera também que a edificação seja uma estrutura demonstrativa da tecnologia, tenha uso na educação ambiental e mesmo que a iniciativa pode dar origem a uma incubadora de banheiros secos. O objetivo é fornecer aos trabalhadores integrantes dos cursos de capacitação subsídios para formar uma cooperativa de trabalho que implante banheiros secos em outras localidades.

O projeto tem patrocínio do Governo do Estado de Santa Catarina, da Eletrosul e do Centro Acadêmico de Ciências Biológicas. Tem também apoio do Centro de Ciências Biológicas e do Centro Tecnológico da UFSC, da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, da

Pró-Reitoria de Pesquisa e da Pró-Reitoria de Orçamento, Administração e Finanças, do Escritório Técnico Administrativo da UFSC (Etusc) da Prefeitura de Florianópolis, do CNPq e do Sine/SC

**Saiba Mais** - O banheiro seco é uma alternativa de saneamento ambiental que usa matéria orgânica seca ao invés de água. Uma das vantagens é que não mistura fezes com água potável e, assim, não gera a enorme quantidade de esgoto que muitas vezes acaba poluindo rios e outras fontes de água.

O sanitário evita o emprego de redes de esgoto, pois os dejetos são tratados no local e depois podem ser usados como adubo. O banheiro da UFSC será construído no início do bairro Córrego Grande, atrás do prédio do Centro de Ciências Biológicas e da Prefeitura Universitária, ao lado do pátio de compostagem.

A estrutura terá paredes de solo estabilizado, tijolos prensados de solo estabilizado (também conhecidos popularmente como tijolos de terra crua), pré-moldados de argamassa armada e teto grama (AR).

**Mais informações:**  
[www.banheirosecoufsc.blogspot.com](http://www.banheirosecoufsc.blogspot.com)  
[banheiroseco@yahoo.com.br](mailto:banheiroseco@yahoo.com.br) ou  
9931 9230

**Uma das vantagens do projeto é a utilização de matéria orgânica seca em vez de água, o que diminui a quantidade de esgoto produzido**

estudantes participantes de uma formação para monitores. A capacitação de monitores é o primeiro dos cursos preparatórios que serão oferecidos durante a construção do banheiro seco. É direcionada a acadêmicos dos

# Ombudsman

## É preciso buscar novos olhares

O *Jornal Universitário* não é um espaço qualquer de comunicação. Mesmo numa instituição conservadora como a UFSC, durante muito tempo, se constituiu num fórum cotidiano de crítica, crônica e debate da política educacional, da vida nacional, das demandas populares. E foi justamente esse seu perfil plural, independente e fundamentalmente jornalístico que abriu espaço para muitas disputas dentro da UFSC, fazendo com que o *JU* praticamente desaparecesse. Mas, como sempre acontece, um trabalho fundamentado numa política de comunicação séria, não ficaria muito tempo perdido nas tramas da pequena política. E aí está, de volta e com fôlego, o *Jornal Universitário*. Resta agora, a comunidade voltar a percebê-lo como dela, e passar a interagir mais com o veículo. Porque sempre é bom lembrar que o *Jornal Universitário* é da comunidade universitária e não da administração.

A nova fase do *JU* trouxe também um recomeço na forma de fazer comunicação. O jornal ainda não saiu de sua forma mais umbilical, centrado apenas nos fazeres da instituição. Talvez fosse bom voltar a tratar de temas mais estruturais, da política educacional, dos fatos nacionais que repercutem na vida das universidades. Sair da paróquia, fazer autocrítica institucional. Também sinto falta da fala das gentes, dos que, apesar de não estarem dentro dos muros da UFSC, de não fazerem pesquisas, ensino ou extensão, são os que "sofrem" a ação de tudo aquilo que aqui se estuda e se pesquisa. Falta, em suma, a boa e velha reportagem, que já foi marca do trabalho do *JU*, esse modo de fazer jornalismo que não pode prescindir de vários outros olhares e de muita pesquisa adicional. A informação ligeira, além de não suprir as necessidades de conhecimento dos fatos, não ajuda na formação das pessoas.

Outro elemento que me parece precisa ser melhor pensado é o uso das cores. Particularmente faço parte de uma geração de jornalistas



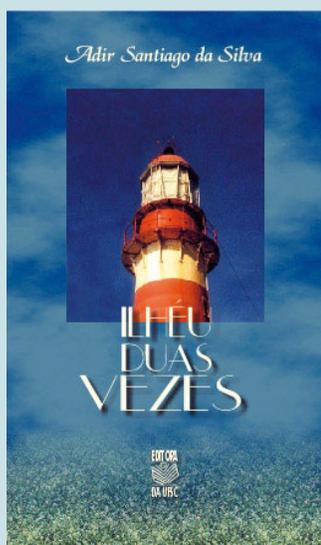
que acredita que o bom texto deva ser o principal elemento de um jornal. É claro que a forma precisa também ser contemplada no quesito beleza, mas muitas vezes, a cor é só um artifício de espetacularização de algo que não é espetacular. Uma maneira de chamar a atenção, evitando que apareçam as debilidades textuais. Eu seria menos pródiga no colorido, usando-o apenas quando necessário para ressaltar determinados temas. Um ponto de cor, muitas vezes, pode ser mais contundente e profundo. Há que ser criterioso.

Finalmente, o *JU* precisa avançar na linha da pluralidade. Ainda se percebe o jornal muito oficial. É claro que também a administração pode e deve se expressar no veículo, mas outros olhares e pensares também precisam aparecer, trazendo de volta toda a diversidade revolucionária que já fez parte do cotidiano deste jornal. E aí, é importante que os técnicos-administrativos, professores e estudantes também passem a escrever, sugerir pautas, enfim, a participar.

De resto, é bom saber que o *JU* está de volta e que todo mês vamos encontrá-lo no campus. Mas, ainda há uma longa estrada de recuperação a fazer na comunicação pública desta instituição. O bom é saber que há chances de que isso venha a acontecer. Basta que toda a comunidade universitária assuma sua responsabilidade nisso também.

**elaine tavares**  
jornalista

# Poesia



O autor de *Ilhéu duas vezes* (EdUFSC, Coleção *Ipsis Litteris*, R\$ 10,00), faz poesia com intuição e emoção. Memória viva de uma época, Adir Santiago da Silva é uma espécie de filósofo da cultura popular.

**Tenha calma, jovem!  
Eu também já fui moço  
e comi carne de peixe.  
Hoje, me sinto realizado  
ganho o salário mínimo  
e ainda sou aposentado.**

Foto: Jones Bastos



A Apufsc aproveitou a presença da senadora Ideli Salvati, na inauguração da nova UTI do HU, para defender a preservação da URP, cujo corte aprofunda o arrocho salarial da categoria.

## Um guia para quem escreve

A Editora da UFSC abriu 2008 com o lançamento da segunda edição do *Guia do Autor – O caminho das pedras facilitado*, volume que sistematiza informações básicas e normas que regem o processo de publicação de livros, orientando da melhor maneira possível os autores interessados em submeter à EdUFSC os seus originais. Além de servir de referência para as atividades da própria equipe da editora, o livretinho auxilia o escritor a dirimir dúvidas de ordem formal e técnica relativas à execução de seu trabalho, o que vai resultar na editoração de obras mais perfeitas, em consonância com as exigências da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Depois de apresentar as 14 séries editadas pela EdUFSC, o Guia se divide em capítulos que detalham os trâmites editoriais (adequação formal, apresentação), a estrutura do livro (capa, orelhas, folha de rosto, agradecimentos, epígrafe,

sumário, prefácio, índice, referências, glossário) e anexos (fichas, questionários e modelos para cada item citado).

O conteúdo do *Guia do Autor* foi elaborado pela equipe da EdUFSC, que passou a contar, desde o lançamento da primeira edição (em 2001), com um compêndio básico de orientações e regras para a construção de livros. Para os autores, o ganho é ainda maior, porque permite que preparem melhor os originais e tenham seus livros publicados conforme critérios adequados.

Contudo, de acordo com o diretor da Editora da UFSC, Alcides Buss, no final, os grandes beneficiários do Guia são os leitores – “sempre a razão principal do que fazemos”.

A primeira edição foi viabilizada com participação e a edição da então Assessoria de Comunicação da EdUFSC, que “agradece” o “reconhecimento” pela nova edição.

## JU dos leitores

A Coordenadoria de Gestão Ambiental da UFSC enviou carta ao *JU* agradecendo e reconhecendo o

apoio permanente recebido da equipe da Agecom, tanto na divulgação como na elaboração de vídeo e outros materiais.

**Eva Maria Seitz**  
Hospital Universitário (HU)

“Estudiosos na questão racial dizem que o racismo é velado e cordial no Brasil. Sou contra e afirmo: o racismo neste País é descarado, declarado e perverso. A forma como alguns setores da sociedade têm se posicionado em relação às políticas de ações afirmativas, em particular as cotas nas universidades, com-prova minha afirmação. Santa Catarina, por ser o Estado de menor percentual de negros no País, tem demonstrado isso não respeitando a luta dos movimentos negros, as conferências mundiais e, principalmente, a autonomia das universidades.

Entendo que as cotas não sejam uma solução definitiva. O programa é temporário, como medida emergencial. Porém, se essa política não é a ideal, poucas são as alternativas

viáveis e de resultados apresentadas até o momento.

Pior é não fazer nada ou querer fazer crer que tudo está bem, ou que as cotas representam um grande perigo para a sociedade brasileira, para as relações sociais no Brasil e para o futuro da humanidade. O que não gosto é do conservadorismo travestido de humanismo, que tenho acompanhado em algumas opiniões contrárias às cotas.

Se existem meios melhores do que as cotas para aumentar o acesso do negro à universidade pública, que se adotem esses meios, sem transferir o problema para outra esfera ou outra geração de negros sem ascensão social”.

**Pedro Paulo S. de Carvalho Jr.**  
São Francisco do Sul

# A lata como arte

Depois de se especializar em Metalurgia e Serralheira e se aposentar, Seu Bicaca utilizou seu conhecimento na arte com metais, participando, assim, da história e da cultura de Santa Catarina

Fotos: Paulo R. da Silva

## Moacir Loth

Jornalista na Agecom

Antes de artista, um lutador. Assim pode ser definido Osvaldo Lopes dos Reis, o Seu Bicaca, que produziu ao longo de seus 98 anos uma obra diferenciada e pouco conhecida. O acervo permaneceu durante décadas aberto à visitação pública no centro de Florianópolis, onde morava o artista e funcionava a Casa de Artes e Exposição Metálica. Tudo graças ao seu empenho pessoal e à luta que travava, diuturnamente, para manter vivo aquele espaço de vida e arte.

A oportunidade de o público conhecer melhor e avaliar o seu talento surgiu na exposição que a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) manteve por mais de um mês no hall da Reitoria. A iniciativa em memória do artista apresentou uma seleção das obras que se encontravam na Casa de Artes, que fica na rua João Pinto, na Capital. A promoção foi conjunta: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, EdUFSC e Museu Universitário. Agora as obras estão na Ilha de Anhatomirim, onde ficarão permanentemente para visitação pública.

Segundo o jornalista cultural Paulo Clóvis Schmitz, que fez várias matérias com o artista, "Osvaldo Lopes Reis era um homem anônimo, desconhecido pela maioria, mas poucos não associavam o apelido Seu Bicaca

pital".

"Homem do carnaval e do boi de mamão, das marchinhas e do folclore, ele viveu um século (1915-2003) e soube tirar das mazelas da existência e do progresso a sabedoria com que enfrentava o desdém alheio, ciente do valor das peças que criou", acrescenta o jornalista.

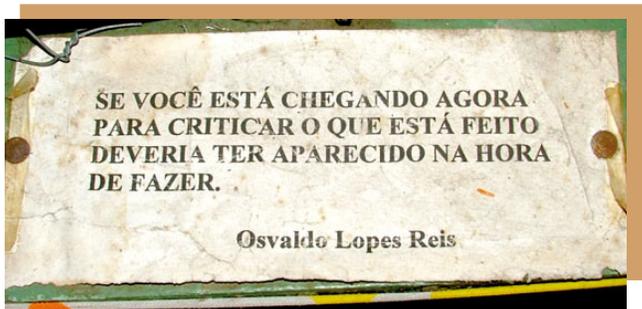
Osvaldo Lopes dos Reis especializou-se em Metalurgia e Serralheira na antiga Escola de Aprendizes Artífices. Sempre muito irrequieto, depois de se aposentar resolveu utilizar o seu conhecimento na arte com metais. Convencido da qualidade e do significado do seu trabalho, decidiu contribuir e participar da história da cultura da Ilha de Santa Catarina.

A sua obra foi declarada como sendo de utilidade pública pelas administrações municipais e estaduais. No entanto, quem atendeu aos seus anseios, oferecendo abrigo e alguma possibilidade de expressão, foi a UFSC. Além da exposição de parte do acervo do artista, a Universidade, através da EdUFSC, transformará a antiga Casa de Artes (hoje invadida) em um novo espaço cultural voltado ao livro e à leitura.

Para conhecer um pouco mais sobre o homenageado, uma fonte recomendada por Gelci Coelho, o Peninha, é o livro *Arte, Vida e Recordações de Osvaldo Lopes dos Reis*, publicado em 1994 pela Imprensa Universitária da UFSC. Peninha, ao apresentar o artista, sublinha que, "habilidoso no trabalho com metais, ele realiza uma obra pitoresca que, por si só, é folclórica e esta qualidade merece ser preservada e apresentada como sempre sonhou, onde pudesse ocupar um grande salão e ficar em exposição para o povo aprender sobre a nossa história, sobre as nossas autoridades, a nossa cultura das danças do cupido, a dança dos arcos,

do pau de fitas, as quadrilhas que se dançava até o amanhecer" (...)

A família, atendendo à vontade de Osvaldo Lopes dos Reis, deixou o seu legado artístico para a UFSC, uma "instituição de ensino, pesquisa, extensão e cultura", esperando, dessa forma, como lembra Peninha, "contribuir para a informação sobre a história e o folclore do nosso Estado".



à figura que se esgueirava entre o ateliê da rua João Pinto, a Praça XV de Novembro e as vias centrais da cidade, sempre alegre, falastrão, mas também ácido com aqueles que nunca deram a devida importância ao seu trabalho, tomando-o por um sujeito exótico, um artista sem canudo e sem a bênção dos críticos e governantes".

Ainda nas palavras do jornalista, "há três anos Florianópolis perdeu o talento e a teimosia de Seu Bicaca, e com eles a Casa de Artes e Exposição Metálica que mantinha a duras penas no Centro da Ca-



Além dos registros em lata, Bicaca também deixou impressões históricas em papel

## Um pouco de história

Em 1986 Osvaldo Lopes dos Reis escreveu um bilhete intitulado "Um pouco de história" que estava pendurado na parede na Casa das Artes até a véspera da exposição. Dizia: "Os índios carijós, primeiros habitantes da Ilha deram-lhe duas denominações: Meiembiipe (lugar acima do rio) e Jurerê Mirim (boca pequena). Em 1675, o bandeirante Francisco Dias Velho trouxe sua família à Ilha, e nela fundou a povoação com o nome de Nossa Senhora do Desterro. De 1748 a 1756 imigraram cerca de 5.000 açorianos para Ilha. De 77 a 78, a Ilha foi ocupada por Espanhóis sob o comando do general Pedro de Zeballos. A denominação da Ilha de Santa Catarina, que posteriormente abrangeu todo o Estado, foi dada por Sebastião Caboto, provavelmente em homenagem a sua mulher Catarina de Medrano. Todavia, espírito religioso de seus habitantes, transferiu tal homenagem exclusivamente para a padroeira do Estado de Santa Catarina de Alexandria, mártir do cristianismo e em 1894 a cidade passou a denominar Florianópolis em homenagem ao Marechal Floriano Peixoto, o líder da revolução".

Poucas informações são encontradas sobre o artista Osvaldo Lopes dos Reis na Internet. Destaca-se o Museu Virtual elaborado por Mara Regina de Oliveira (site [www.cfh.ufsc.br/labhmm/osvaldo.html](http://www.cfh.ufsc.br/labhmm/osvaldo.html)). O trabalho tem como título "Arte, vida e recordações de Osvaldo Lopes dos Reis" (ML).